



CULTURAS DIGITAIS: PROPOSTA DE PLANO DE AULA PARA ABORDAR A TEMÁTICA INDÍGENA¹

DIGITAL CULTURES: PROPOSED CLASS PLAN TO ADDRESS INDIGENOUS THEME

Fabiane da Silva Prestes², Paulo Evaldo Fensterseifer³

¹ Pesquisa desenvolvida em âmbito da pesquisa “O ensino da temática indígena: tecendo saberes a partir dos princípios do *Buen vivir*”, desenvolvido em estágio pós-doutoral, no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

² Doutora em Ciências em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI. Bolsista PNPd/CAPES. E-mail: fabianeprestes@gmail.com

³ Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor do Departamento de Humanidades e Educação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências – Mestrado e Doutorado. E-mail:fenster@unijui.edu.br

RESUMO

Considerando a crescente discussão acerca das tecnologias digitais de informação e comunicação no âmbito educacional, a transversalidade proposta pela BNCC e a inserção das culturas digitais e da temática indígena nos currículos escolares, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de plano de aula, capaz de articular tais temas. Nesse sentido, ao reconhecer a importância das culturas digitais na formação integral dos sujeitos, busca-se dar visibilidade ao indígena da atualidade e, assim, reforçar o reconhecimento e respeito à diversidade. O público-alvo são alunos de 8º e 9º ano, pois o desenvolvimento da proposta requer um estágio mais avançado do percurso escolar, no qual, os alunos sejam capazes de uma leitura crítica. Os objetivos de ensino foram delineados a partir da Taxonomia de Bloom (BLOOM et. al., 1976), e pretendem: compreender os aspectos históricos da temática indígena; contextualizar a cultura indígena com as mídias digitais; identificar materiais midiáticos criados por indígenas: *fanpages*, games, aplicativos; criar em ferramentas digitais de autoria (*pixton* e/ou *canva*) uma postagem para rede social (*facebook*, *instagram* ou figura de *Whatsapp*), sobre indígenas, compartilhá-la nas redes sociais e compreender a sua repercussão; refletir sobre diversidade cultural, reconhecimento e respeito. Por fim, almeja-se que a presente prática pedagógica contribua para a efetivação de uma pedagogia antirracista, a substituição de estereótipos e generalizações pelo reconhecimento e respeito à diversidade.

Palavras-chave: Culturas digitais. Diversidade. Temática indígena na escola.

ABSTRACT



Considered the increasing discussion related to the Digital Information and Communication Technologies in education, the transversality proposed by the BNCC and the insertion of digital cultures and indigenous themes in school curricula, this paper aims to present a proposal for a capable lesson plan to articulate such themes. In this sense, by recognizing the importance of digital cultures in the integral formation of subjects, we seek to give visibility to the indigenous people of today and, thus, reinforce the recognition and respect for diversity. The target audience are 8th and 9th grade students, as the development of the proposal requires a more advanced stage of the school career, in which students are capable of critical reading. The teaching objectives were delineated from Bloom's Taxonomy (BLOOM et. al., 1976), and intend to: understand the historical aspects of the indigenous theme; contextualize indigenous culture with digital media; identify media materials created by indigenous people: fanpages, games, applications; create in digital authoring tools (pixton and/or canvas) a post for social network (facebook, instagram or Whatsapp picture) about indigenous people, share it on social networks and understand its repercussion; reflect on cultural diversity, recognition and respect. Finally, it is intended that the present pedagogical practice contributes to the realization of an anti-racist pedagogy, the replacement of stereotypes and generalizations by the recognition and respect for diversity.

Keywords: Digital cultures. Diversity. Indigenous theme at school.

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta uma proposta de plano de aula que prevê a inserção da temática indígena, nos parâmetros estabelecidos na Lei 11.645/2008, de forma interconectada com as culturas digitais, tanto no componente curricular quanto transversalmente, perpassando as diferentes áreas do conhecimento. Entre as competências gerais previstas na BNCC, a tecnologia está inserida como habilidade que deve ser desenvolvida em âmbito escolar. Na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul, as culturas digitais compreendem um componente curricular em escolas fundamentais de Tempo Integral.

De imediato, ambas temáticas parecem não convergir, e isso se deve ao “olhar” estereotipado, que considera as culturas indígenas como atrasadas e primitivas. Essa seria uma das justificativas para presente proposta, a qual é capaz de romper outros paradigmas, tais como: índio genérico, culturas congeladas e a necessidade de tutela estatal. A perspectiva de elaboração de um plano de aula integrador é propor reflexões sobre a questão indígena, ampliando a criticidade dos alunos e apontando para a necessidade da formação continuada na prática docente.



O ensino de temas indígenas saiu do campo da eventualidade, cujo caráter de recomendação era disciplinado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, para assumir o caráter de obrigatoriedade, previsto pela Lei 11.645/2008. Não obstante, inquietações permeadas por metodologias necessárias para a efetivação de uma pedagogia da diversidade, tornaram-se constantes. Nesse cenário, práticas metodológicas favoráveis para reflexão pedagógica em sala de aula, capazes de contemplar as especificidades e as diferenças socioculturais dos coletivos indígenas, são fundamentais.

O fio condutor desta pesquisa é a interdisciplinaridade, com base na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) que apresenta como eixo central o desenvolvimento integral dos alunos, visando a “formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento” (BNCC, 2018, p. 14).

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, cuja investigação do objeto, levando-se em conta o seu objetivo geral, deu-se por meio de pesquisa exploratória. Este tipo de estudo, serve de alicerce para outras pesquisas científicas, pois, o avanço do conhecimento se dá a partir da compreensão sobre aquilo que já fora realizado anteriormente por outros pesquisadores (VIANNA, 2001). Desse modo, em um primeiro momento será descrita a obrigatoriedade da temática indígena (BRASIL, 2008), serão discutidos conceitos gerais sobre culturas digitais e posteriormente será apresentado o plano de aula, o qual foi construído a partir de sequência didática, sendo os objetivos definidos pela Taxonomia de Bloom (1976) e os conteúdos e seleção de estratégias de ensino com base em Zabala (2010).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere à inserção da temática indígena no espaço escolar, a publicação da Lei n. 11.645 que altera o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), determina a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena,



em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados (BRASIL, 2008). Diante disso, os sistemas de ensino e suas instituições educacionais têm sido desafiados a incluir a questão indígena no âmbito de todo o currículo escolar.

A BNCC enfatiza a importância da diversidade cultural do Brasil, determinando que “[...]os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem [...]identidades linguísticas, étnicas e culturais” (BNCC, 2018, p. 15). Assim, reconhece o compromisso da educação com a formação e o desenvolvimento humano global, corroborando que as aprendizagens se materializem mediante um conjunto de decisões que caracterizam o currículo, as quais devem ser definidas a partir do envolvimento entre escola, família e comunidade.

Sobre a mediação tecnológica materializada da cultura humana, entende-se que “[...]as tecnologias passaram a atuar sobre a informação, manifestando-se o poder criativo das interações e interconexões ao mesmo passo distintas e intercomplementares, convergentes em um sistema altamente integrado [...]” (MARQUES, 2003, p.100). De tal modo, a sala de aula deve adotar um caráter de dinamicidade, capaz de promover a criatividade e o protagonismo do aluno.

Partindo da compreensão que a cultura digital abrange a “[...] expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica” (BRASIL, 2018, p. 475), a presente proposta de plano de aula pretende estabelecer relações entre a cultura indígena e a cultura digital, proporcionando visibilidade ao indígena da atualidade e, assim, reforçando o reconhecimento e respeito à diversidade. Uma vez que, “a escola tem o dever de se adequar aos “tempos de direitos” e abrir o diálogo sobre as histórias indígenas silenciadas por séculos” (KAYAPÓ, 2019, p. 77).

Dessa forma, o planejamento foi estruturado para ser desenvolvido, no componente curricular de culturas digitais ou de forma transversal, nos Anos Finais da Educação Básica, especialmente, nas escolas de Tempo Integral. O público-alvo são alunos de 8º e 9º ano, pois o desenvolvimento da proposta requer um estágio mais avançado do percurso escolar, no qual, os alunos sejam capazes de uma leitura crítica. Justifica-se por contribuir com a efetividade da Lei 11.645/2008, de modo a articular a questão indígena com as tecnologias digitais e faz parte do material de apoio desenvolvido no âmbito da pesquisa “O ensino da temática



indígena: tecendo saberes a partir dos princípios do *Buen vivir*”, desenvolvido em estágio pós-doutoral, no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Os objetivos de ensino foram delineados a partir da Taxonomia de Bloom (BLOOM et. al., 1976), classificação que divide as possibilidades de aprendizagem em três grandes domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor. Dessa forma, os objetivos são: compreender os aspectos históricos da temática indígena; contextualizar a cultura indígena com as mídias digitais; identificar materiais midiáticos criados por indígenas: *fanpages*, *games*, aplicativos; criar em ferramentas digitais de autoria (*pixton* e/ou *canva*) uma postagem para rede social (*Facebook*, *Instagram* ou figura de *Whatsapp*), sobre indígenas, compartilha-la nas redes sociais e compreender a sua repercussão; refletir sobre diversidade cultural, reconhecimento e respeito.

Os conteúdos foram selecionados com base na tipologia de conteúdos proposta por Zabala (2010): conceituais, procedimentais e atitudinais. Os conceituais envolvem compreensão, reflexão, análise e comparação, seguindo a normatização da BNCC. Os procedimentais estão relacionados ao processo de ensino aprendizagem, que cria mecanismos considerando as diversidades dos alunos e potencializando suas habilidades. Os atitudinais envolvem valores, atitudes e normas, permitindo a tomada de posição.

As estratégias foram definidas a fim de permitir interconexões com conhecimentos construídos em outras disciplinas (História, Geografia, Literatura, Artes), a participação ativa dos estudantes e a valorização dos seus saberes prévios, ainda que estes sejam parte do senso comum. Assim, tem-se como intuito proporcionar novas experiências aos alunos, capazes de fazer sentido para a cultura e a vida dos mesmos.

Nesta perspectiva, o primeiro momento da aula compreende a apresentação do documentário: *Índios no Brasil: quem são eles?* (que compõe uma série de vídeos exibidos pela TV Escola sobre a pluralidade cultural e está disponível no site domínio público), com o objetivo de analisar os discursos dos entrevistados e identificar as opiniões equivocadas sobre os coletivos indígenas do Brasil, as quais, na maioria das vezes, reforçam preconceitos e intolerância.

O segundo momento envolve a leitura de uma crônica do livro “Crônicas indígenas



para rir e refletir na escola”, de Daniel Munduruku. “Riso e reflexão combinados nos ajudam a questionar os espelhos distorcidos que orientam nossa concepção de mundo, para, a partir daí, aprendermos a escutar e a respeitar os universos que existem para além das nossas molduras envidraçadas” (NÓBREGA, 2021, p. 06). A escolha de cada uma das crônicas é feita em aula, a fim de garantir a diversidade de temas. Após a leitura é realizado um debate a fim de sopesar os principais argumentos contraditórios presentes tanto nos discursos do documentário quanto nas crônicas.

A sequência didática a seguir descrita pretende que visões equivocadas sejam desconstruídas: introdução da temática; apresentação do documentário; problematização de aspectos culturais, históricos e sociais; leitura de uma crônica de autoria indígena; debate; criação e compartilhamento de uma postagem sobre o conteúdo.

Inicialmente, pretende-se propiciar ao aluno um ambiente de reflexão, a partir de questões que envolvem a temática. Tais como: Ao ouvir a palavra “índio”, qual imagem vem a sua mente? Quais as heranças da cultura ancestral indígena estão presentes na sociedade atual? Quantos povos indígenas vivem no Brasil hoje? Esse diagnóstico pretende identificar os saberes prévios do aluno.

A primeira atividade vincula-se ao objetivo cognitivo, já que estimula o aluno a questionar os discursos sobre a percepção de quem é o “índio” brasileiro, bem como, a partir das suas interpretações ampliar suas habilidades orais. Assim, partindo do documentário: *Índios do Brasil: quem são?*, serão analisados os aspectos culturais, conflitos e direitos dos povos indígenas do Brasil. Logo após, será apresentado o livro a partir de uma síntese: explorando-se a capa, e permitindo que o aluno interprete a imagem; um breve histórico sobre o autor e a apresentação do gênero crônica. A seguir, será lida a apresentação *Apanhador de absurdos?*, de modo a instigar que os alunos identifiquem ao longo das crônicas, os absurdos revelados pelo autor. A leitura das crônicas deve ser realizada como tarefa de casa e cada aluno deve escolher uma delas para trazer ao debate.

A segunda atividade tem como objetivo ampliar a argumentação, as habilidades orais e o senso crítico dos alunos. A partir de uma interlocução de saberes entre os questionamentos e interpretações de discursos oportunizados pelo documentário e dos estereótipos e generalizações identificados nas crônicas, pretende-se que os alunos discutam os



conhecimentos revisitados a partir de um debate regrado.

Após o debate serão apresentadas as práticas informacionais e de inclusão digital indígena, cuja democratização da informática e acesso à internet, em comunidades indígenas, remonta ao ano de 2003 (PINTO, 2008), conteúdos digitais criados por indígenas, tais como: *fanpages*, games e aplicativos. Nesse contexto, é possível destacar as notícias: Game narra histórias antigas do povo indígena *Huni Kuin* (JORNAL DA USP, 2021), Aplicativo monitora mortes pelo coronavírus entre povos da floresta (FOLHA UOL, 2021), Indígenas usam ferramentas tecnológicas e jurídicas para enfrentar ameaças (IPAM, 2021), Jogos Mundiais Indígenas também têm espaço para inclusão digital (EBC, 2021).

Não é demais lembrar que, embora as tecnologias digitais de comunicação e informação estejam presentes em sociedades indígenas, e principalmente, naquelas em contexto urbano, há povos indígenas com ausência de relações permanentes com a sociedade nacional. E, mais uma vez, traz-se à discussão o equívoco do “índio” genérico, reafirmando-se que vivem no Brasil, pelo menos, 305 etnias indígenas. “Ao conseguir se livrar deste modo genérico de referir-se aos povos indígenas, a sociedade brasileira irá dar um passo enorme na sua capacidade de conviver com a diferença” (MUNDURUKU, 2019, p. 50).

Edson Kayapó ao discorrer sobre a operacionalização das atividades pedagógicas voltadas para o ensino da temática indígena considera a internet como um instrumento de pesquisa que contribui com a organização das atividades pedagógicas, “[...]pelo acesso a dezenas de filmes e documentários produzidos por indígenas e por não indígenas sobre a história e a cultura desses povos e sobre as temáticas discriminação e diversidade étnica” (KAYAPÓ, 2019, p. 76).

Ao dispor sobre a influência do uso das tecnologias na contemporaneidade, importante considerar que umas das competências gerais da Educação Básica é: “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BNCC, 2018, p.9). Assim, a terceira atividade tem como objetivo criar uma postagem, com recurso de ferramentas digitais de autoria, a fim de ser compartilhada em rede social, explorando-se



assim, o domínio psicomotor e a capacidade reflexiva. Por fim, pretende-se que o aluno acompanhe suas publicações, estando preparado para enfrentar os eventuais comentários que surgirem, para que assim, construa a consciência de uma identidade nacional plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão interdisciplinar como princípio pedagógico para organização e desenvolvimento do currículo, prevista na BNCC, oportuniza que o aluno possa se posicionar em sociedade de maneira contextualizada. Com base nessa perspectiva, o presente trabalho buscou articular os conteúdos do componente curricular culturas digitais com o ensino da temática indígena, os quais, apesar estarem presentes nas determinações legais, na teoria e nas propostas curriculares, representam desafios na prática docente.

Mais de treze anos se passaram desde a publicação da Lei 11.645/2008, em que pese a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena em âmbito de todo o currículo escolar, na prática as atividades se desenvolvem de forma eventual e, na maioria das vezes, se restringem ao mês de abril. Por outro lado, é crescente a utilização e acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação, de forma constante, tanto pelos nativos quanto pelos imigrantes digitais.

Portanto, a presente proposta de plano de aula visa contribuir com a prática docente, a partir da (re)leitura da questão indígena, de modo articulado com as novas competências previstas pela BNCC. Trata-se de uma construção flexível, a qual pode ser adaptada de forma a ampliar ou simplificar conteúdos. Por fim, almeja-se que a presente prática pedagógica contribua para a efetivação de uma pedagogia antirracista, a substituição de estereótipos e generalizações pelo reconhecimento e respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Benjamin S.; ENGELHARD, Max D.; FURST, Edward. J.; HILL, Walker. H.; KRATHWOHL, David. R. **Taxonomia de objetivos educacionais**: 1 domínio cognitivo.



Porto Alegre: Globo, 1976.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Publicado no DOU de 11/3/2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em 10 jun. 2021.

EBC. **Jogos Mundiais Indígenas também têm espaço para inclusão digital**. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/tecnologia/2015/10/jmpi-indigenas-participam-de-cursos-sobre-ferramentas-digitais>. Acesso em 06 abr. 2021

FOLHA UOL. **Aplicativo monitora mortes pelo coronavírus entre povos da floresta**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/12/aplicativo-monitora-mortes-pelo-coronavirus-entre-povos-da-floresta.shtml>. Acesso em 06 abr. 2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Xingu solar: como a energia renovável pode beneficiar comunidades indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/xingu-solar-como-a-energia-renovavel-pode-beneficiar-comunidades-indigenas-no-brasil>. Acesso em 06 abr. 2021.

IPAM, **Indígenas usam ferramentas tecnológicas e jurídicas para enfrentar ameaças**. Disponível em: <https://ipam.org.br/indigenas-e-comunidades-tradicionais-usam-a-tecnologia-para-enfrentar-ameacas/>. Acesso em 06 abr. 2021.

JORNAL DA USP. **Game narra histórias antigas do povo indígena Huni Kuin**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/game-narra-historias-antigas-do-povo-indigena-huni-kuin/> Acesso em 06 abr. 2021.

KAYAPÓ, Edson. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? *In*: SESC. **Educação em rede: culturas indígenas, diversidade e educação**. Departamento Nacional Culturas indígenas, diversidade e educação / Sesc, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2019. pp. 56-81.

MARQUES, Mario Osorio. **A escola no computador**. Linguagens rearticuladas, educação outra. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

MUNDURUKU, Daniel. “Posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou”: uma reflexão sobre o ser indígena. *In*: SESC. **Educação em rede: culturas indígenas, diversidade e educação**. Departamento Nacional Culturas indígenas, diversidade e educação / Sesc,



Departamento Nacional. – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2019. pp. 41-56.

MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas indígenas para rir e refletir na escola**. Porto Alegre: Moderna, 2021.

NÓBREGA, Maria José. NÓBREGA, Tom. **DANIEL MUNDURUKU** Crônicas indígenas para rir e refletir na escola. Projeto de Leitura. Material para o professor. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/autoresexclusivos/ilan-brenman/biblioteca/cronicas-indigenas-para-rir-e-refletir-na-escola.htm>. Acesso em 30 jul 2021.

PAPPIANI, Angela. **Tecnologias Indígenas**: esplendor e capturas. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584616-tecnologias-indigenas-esplendor-e-captura> Acesso em 06 abr 2021.

PINTO, Alejandra Aguilar. A “inclusão digital indígena” na Sociedade da Informação. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1162/1010>. Acesso em 06 abr 2021.

VIANNA, Ilca Oliveira. **Metodologia do trabalho científico**: um enfoque didático da produção científica. São Paulo: EPU, 2001.